



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

MARINITA MOREIRA CORDEIRO

**MEMÓRIA E IMAGINÁRIO DAS PROCISSÕES NA FESTA DE NOSSA SENHORA
DA LUZ EM PEDRA LAVRADA-PB (1987-2002)**

CAMPINA GRANDE - PB

2022

MARINITA MOREIRA CORDEIRO

**MEMÓRIA E IMAGINÁRIO DAS PROCISSÕES NA FESTA DE NOSSA SENHORA
DA LUZ EM PEDRA LAVRADA-PB (1987-2002)**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I, apresentado ao curso de Licenciatura Plena em história, como cumprimento aos requisitos à obtenção do título de graduado em Licenciatura plena em História.

Área de concentração: Memória, Imaginário e Festa.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Patrícia Cristina de Aragão

CAMPINA GRANDE-PB

2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C794m Cordeiro, Marinita Moreira.
Memória e imaginário das procissões na festa de Nossa Senhora da Luz em Pedra Lavrada-PB (1987-2002) [manuscrito] / Marinita Moreira Cordeiro. - 2022.
48 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação , 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão , Departamento de História - CEDUC."

1. Procissões. 2. Memória. 3. Imaginário. 4. Cultura. 5. Festa popular. I. Título

21. ed. CDD 398

MARINITA MOREIRA CORDEIRO

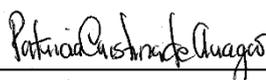
MEMÓRIA E IMAGINÁRIO DAS PROCISSÕES NA FESTA DE NOSSA SENHORA
DA LUZ EM PEDRA LAVRADA-PB (1987-2002).

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I, apresentado ao curso de Licenciatura Plena em história, como cumprimento aos requisitos à obtenção do título de graduado em Licenciatura plena em História.

Área de concentração: Memória, Imaginário e Festa.

Aprovado em: 07/04/2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Dr^a. Patrícia Cristina de Aragão (Orientadora)

Universidade estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^a. Me. Marcila de Almeida

Universidade estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^a. Me. Márcia de Albuquerque Alves
Universidade estadual da Paraíba (UEPB)

Aos que acreditaram e investiram no meu sonho, mas que não podem contemplar em vida esta conquista comigo, (in memoriam minha avó Lourdes e meu pai Wermeson), sei que diante de tantas estrelas ao anoitecer, vocês são umas das que me iluminam.

AGRADECIMENTOS

Desenvolver um olhar sensível acerca do lugar em que vivo é poder resgatar memórias afetivas e sobretudo significativas sobre o meu eu e de tudo aquilo que cooperou para o meu desenvolvimento, logo, escrever sobre a Festa de Nossa Senhora da Luz através dos diálogos entre a memória e o imaginário me permite perceber o quanto a magnitude desta festa contempla gerações, e que cada uma à sua maneira deixou traços que cooperam para o fortalecimento desta até os dias de hoje. Me sinto honrada em desenvolver esta pesquisa que muito contribuirá para os estudos futuros acerca desta temática para a minha cidade e por conseguinte para o campo cultural.

A palavra que define o encerramento deste ciclo é gratidão, primeiramente à Deus por ser tão misericordioso para comigo, me encorajando e dando forças para prosseguir com meus projetos diante de tantos percalços enfrentados; à Virgem da Luz por interceder e me guiar pelos melhores caminhos na busca da concretização deste ciclo.

Agradeço a todas as pessoas que desde o começo acreditaram, torceram e me ajudaram a concluir essa etapa, em essencial a minha base, minha família. Aos meus pais, minha mãe Maria Dasdores, que sempre incentivou e se dedicou com amor e entusiasmo a minha formação educacional, ao meu pai Wermeson Cordeiro (in memoriam) sei o quanto sentia orgulho de mim e o quanto cooperou para este sonho se tornar realidade, a minha avó Lourdes (in memoriam) que também sentia orgulho pela minha dedicação nesta etapa acadêmica, a minha tia/mãe de criação Roselia e o meu papito Gilberto por mostrarem que a educação é prioridade em nossas vidas, ao meu irmão Wellison por ser minha fonte de inspiração, tão compassivo e leal para comigo, a minha irmã Celenna Maria por ter sido meu combustível diário perante as incertezas, as minhas tias (Rozimere, Rosália e Marly) por desempenharem um papel fundamental em minha vida estendendo suas mãos e me encorajando diante de momentos tão complexos.

Aos meus tios Antônio Cordeiro e Irineide Cordeiro, sou grata por me acolherem em seu lar durante três longos anos, aos meus companheiros de lar (Bruno, Ana Maria e Jéssica sobretudo Millena que sempre me apoiou em todas as decisões), externo toda a minha gratidão a vocês que são minha família, meu aconchego que sei que para onde eu for terei o colo de vocês ao voltar, não há palavras que descrevam

o quanto me sinto honrada em tê-los comigo me apoiando e movendo céus e mares para me verem felizes.

Agradeço a todos os professores que passaram pela minha trajetória educacional, vocês deixaram um pouco de si em mim, e sem dúvidas serviram de inspiração para escolher e prosseguir nessa missão de produzir conhecimentos e sobretudo educar.

Ao longo desta trajetória cruzei com pessoas especiais no caminho, algumas desistiram e outras compactuam do sonho até hoje, aos meus amigos e colegas de profissão Joyce Kelly, Maria Helena, Jonathan Nunes, Joalisson e Matheus sem dúvidas vocês tornaram este ciclo mais leve através dos grupos de estudos, das rodas de conversas no cotidiano, das tardes de eletivas e dos almoços compartilhados esses dias trouxeram leveza para a minha formação, e saber que cultivei amizades como a de vocês na minha vida me deixa feliz. Amanda Thays, minha irmã de alma, gratidão por dividir todas as delícias e amarguras ao longo destes quatro anos e meio, literalmente desde o primeiro dia de aula se tornou a minha eterna duplinha, com você ao meu lado essa caminhada se tornou mais leve e sobretudo iluminada, você é luz em minha vida obrigada por tanto.

A minha sincera gratidão às minhas amigas que por tantos momentos sensíveis e memoráveis compartilhados se tornaram irmãs: Analice, Aynne e Ester desde o começo acompanham a concretização desta fase, o apoio de vocês é fundamental em minha vida, obrigada por acreditarem e ficarem ao meu lado todos estes anos, sem dúvidas esta conquista também é de vocês. As minhas amigas de infância, Jakenia e Hilarry, obrigada por permanecerem e dividirem comigo esta fase.

Ao longo dessa jornada, fui contemplada com algumas amizades que se tornaram fundamentais em minha vida, aos meus colegas residentes que tanto me ensinaram sobre leveza e companheirismo Luana Castro, José Yan, Ewerton Rafael, Ana Carolina e principalmente minha dupla Ana Vitória que tornou os meus dias mais leves com sua parceria e lealdade, principalmente por dividir todas as inseguranças e ultrapassar todas as barreiras destinadas a educação básica, a vocês minha mais sincera gratidão.

A banca examinadora que tanto admiro e prezo, composta por Prof^a. Me. Márcia de Albuquerque Alves e Prof^a. Me. Marcila de Almeida agradeço a disponibilidade de vocês, me sinto grata por tê-las comigo neste fechamento de ciclo.

Do fundo do meu coração, dos meus mais nobres sentimentos expresso minha gratidão a minha professora, coordenadora e orientadora Patrícia Cristina de Aragão por seus ensinamentos, e a sua dedicação ao campo do ensino. A senhora sem dúvidas é uma grande inspiração para mim e para todos que tem o privilégio de te encontrar pelo caminho, obrigada por acreditar em mim quando pensei em desistir, a senhora define os sinônimos de amor e luz, e por acreditar no melhor das pessoas no lado mais humano consegue ser inspiração.

Por fim, agradeço a todos que passaram pelo o meu caminho durante esses longos quatro anos e meio, sem dúvidas, contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional, a minha família, amigos, colegas e professores vocês deixaram uma parcela significativa nesta etapa da minha vida, me ajudando a concluir esse ciclo tão complexo e sensível, obrigada, obrigada e obrigada.

“A cultura histórica tem o objetivo de manter viva a consciência que a sociedade humana tem do próprio passado, ou melhor, do seu presente, ou melhor, de si mesma.” (Benedetto Croce 1866-1952).

RESUMO

A Festa de Nossa Senhora da Luz, que ocorre na cidade de Pedra Lavrada – PB, faz parte da memória e história local, consistindo numa festividade importante para compreender as práticas culturais locais na perspectiva da memória e do imaginário. O objetivo deste trabalho é investigar a festa de Nossa Senhora da Luz, em Pedra Lavrada-PB, na perspectiva da memória e do imaginário social local a partir das procissões no período de 1987 a 2002. Esta pesquisa tem como referencial teórico os estudos e pesquisas de Pesavento (2003). Nas discussões sobre memória seguimos as ideias de Pollak (1889) e, por fim, para pensar os significados em torno das festas destacamos Amaral (1998). Esta pesquisa é de cunho bibliográfico documental cujas fontes foram fotografias e demais documentos relacionados à festa. Este trabalho nos permitiu perceber a importância da festa da padroeira como lugar da memória social dos munícipes. Ela articula diversas expressões da cultura com as práticas de religiosidades que podem ser vivenciadas a partir das procissões.

PALAVRAS-CHAVE: Festa; Procissões; Memória; Imaginário; Cultura.

ABSTRACT

The *Festa de Nossa Senhora da Luz*, that occurs in the city of Pedra Lavrada – PB, is part of local memory and history, consisting of an important festivity to understand local cultural practices from the perspective of memory and imaginary. The objective of this work is to investigate the celebrity of Nossa Senhora da Luz, in Pedra Lavrada-PB, from the perspective of local social memory and imaginary from the processions in the period of 1987 until 2002. This research has as theoretical reference the studies and researches of Pesavento (2003). In the discussions about memory we followed the ideas of Pollak (1889) and, finally, to think about the meanings around the parties, we highlighted Amaral (1998). This research is of a documentary bibliographic nature whose sources were photographs and other documents related to the party. This research allowed us to perceive the importance of the patron saint's party as a place of the social memory of the citizens. It articulates different expressions of culture with the religious practices which can be experienced from the processions.

KEYWORDS: Party; Processions; Memory; Imaginary; Culture.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 FESTAS E FESTIVIDADES NO CONTEXTO DA MEMÓRIA E DO IMAGINÁRIO	19
2.1 Memória e imaginário na Festa de Nossa Senhora da Luz.....	19
2.2 Festas e festividades de Nossa Senhora da Luz	27
3 A CIDADE DE PEDRA LAVRADA-PB A PARTIR DA MEMÓRIA E IMAGINÁRIO DA FESTA DE NOSSA SENHORA DA LUZ.....	32
3.1 A festa de Nossa Senhora da Luz e os seus antecedentes (1987-2002).....	32
3.2 A Festa de Nossa Senhora da Luz na perspectiva da procissão	40
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS.....	50

1 INTRODUÇÃO

Constituir um olhar sensível acerca de um aspecto social do lugar em que se vive requer uma perspectiva crítica para questionar, analisar e, principalmente, perceber como tal fator impacta a vida dos sujeitos envolvidos nele a partir dos processos de sociabilidade no longo e curto prazo da história. Por conseguinte, esta constituição requer, também, perceber como estes sujeitos e processos cooperam para a construção da história sociocultural do lugar.

Neste sentido pesquisamos sobre a Festa de Nossa Senhora da Luz, em Pedra Lavrada - PB, partindo da premissa da memória e do imaginário, para compreender a importância desta para os munícipes. Levantar reflexões e hipóteses perante as memórias coletivas que as festividades divinas trazem para a sociedade local coopera para a constituição do imaginário coletivo, pois toda ação premeditada parte de um pensamento, e dentro deste existem sentidos e simbologias que, ao entrar em contato, formam uma identidade social.

A Festa de Nossa Senhora da Luz atravessa mais de três séculos e desde a sua gênese ela é contemplada como um espaço de interações sociais, proporcionando encontros através de suas festividades profanas e sagradas. Esta dicotomia se tornou primordial para o crescimento da festa ao longo do tempo, pois estabelece relações entre a religiosidade íntima do sujeito e o lazer popular. Diante de sua magnitude, esta festa se torna imprescindível para a constituição da memória local, bem como para a cultura lavradense.

No decorrer deste trabalho investigamos a festa de Nossa Senhora da Luz em Pedra Lavrada - PB, na perspectiva da memória e do imaginário social local, a partir das procissões no período compreendido entre 1987-2002. Discutimos sobre memória e imaginário na produção do conhecimento histórico sobre a festa da padroeira de Pedra Lavrada, Nossa Senhora da Luz. Refletimos sobre a memória de Pedra Lavrada a partir da Festa da Luz na cidade. Por fim, verificamos a importância da festa a partir das procissões tendo como premissa o imaginário e as sensibilidades locais.

Analisar a Festa da Virgem da Luz através da memória e do imaginário significa buscar, no meu íntimo, os lugares de memória através das experiências ofertadas pela festa ao longo da minha trajetória.

Eu nasci em Pedra Lavrada - PB, e durante a minha história de vida acompanhei as festividades da festa de padroeira, participando dos eventos proporcionados por ela, bem como contribuindo nas suas festividades religiosas através de pastorais e movimentos da Paróquia, dentre eles a Pastoral da Comunicação (PASCOM) que faz o elo entre as demais pastorais.

Ao longo do tempo, foi possível perceber como as festividades da padroeira reorganizam o município e também a vida dos munícipes, pois durante os dias de festejos a estrutura social entre os espaços urbanos se adequa entre cartazes, cercados e luzes para receber os fiéis e visitantes; além dessa adequação, o eu mais íntimo dos devotos à Virgem da Luz também se molda, pois é o momento em que os católicos vivenciam de forma intensa sua devoção à Maria Santíssima.

A problemática central desta pesquisa traz uma reflexão que tenta perceber de que modo a festa da padroeira Nossa Senhora da Luz contribui para a memória e o imaginário da cidade de Pedra Lavrada - PB a partir das procissões, na temporalidade entre 1987 e 2002, traçando perspectivas de memória a partir das festividades que este evento proporcionou na sociedade local.

Destarte, falar sobre festa e todo seu abarco na cultura da sociedade significa remontar à história local, esta que permite traçar um olhar crítico sobre a vida social e seus aspectos. A necessidade de discutir sobre história local vem desde o início da minha graduação, principalmente quando participei de eventos e projetos de extensionistas na educação básica, como o Programa de Residência Pedagógica, Subprojeto História, que estimulavam a consciência crítica cidadã sobre a importância de formar narrativas sobre a história do lugar em que se vive, desde os patrimônios materiais aos imateriais e de como estes são relevantes para reconhecer a trajetória da cidade, assim como do sujeito pertencente a ela.

As experiências fornecidas por esses projetos me proporcionaram um leque de inquietações para elencar a importância de se trabalhar com a história local, essencialmente para compreender os fatores que cooperam para o desenvolvimento cultural de uma determinada sociedade, e para compreender também como se constroem as memórias e os processos das interações sociais a partir de uma determinada concepção.

Nesta perspectiva, elencar a Festa de Nossa Senhora da Luz nas perspectivas de memória e imaginário deste povo e deste local se torna imprescindível para o âmbito cultural, pois a memória em si abarca diversas conotações, desde a social à coletiva e, através das ações do sujeito em sociedade, contribui para um processo de identidade social. Por exemplo, a memória pode sofrer transformações ao longo do tempo, sobretudo a memória coletiva que é compactuada por muitos sujeitos, mesmo partindo de princípios subjetivos, isto é, cada sujeito envolvido pode relatar a mesma memória com narrativas diversas. Já o imaginário parte da premissa do real e, tal como a memória, suas concepções são diversas, mas seus significados partem do não dito, daquilo que fica nas entrelinhas do raciocínio, na sociedade. O imaginário se atrela às perspectivas que o sujeito cria sobre algum fator preponderante, tal qual a festa.

Segundo Albuquerque Júnior (2011), as festas são históricas e feitas de histórias individuais e coletivas. A história não deveria tomar as festas apenas como objeto de estudo, a história deveria tomar as festas como inspiração, como um modo de ser e fazer a partir das vivências e experiências coletivas e individuais que se tem a partir do lugar onde se vive.

Neste sentido, podemos destacar a constituição de memórias que a festa permite construir de acordo com as relações sociais nela fornecidas, além do imaginário. Albuquerque Júnior (2011) deixa subentendido que a festa é essencial na vida de uma sociedade, seja ela qual for, pois no tempo e espaço em que ela se realiza ações e reações estão fluindo, sejam positivas ou negativas, de certa forma terá impacto na vida do sujeito e nas suas condutas perante a sociedade.

A temática em questão fornece múltiplos sentidos ao pensar a historicidade da festa através das procissões nas relações estabelecidas entre o imagético e o campo cultural, pois como um dos aspectos essenciais das festividades da festa de padroeira, as procissões se tornam elemento-chave para entender como se estabelece um espaço de memória e, sobretudo, de cultura.

Diante disso, destacamos como esta pesquisa pode contribuir para a historiografia cultural a partir das histórias das cidades: a da pesquisa em história local e das sensibilidades em torno das festas e festividades de Pedra Lavrada - PB. Desenvolver um olhar sensível acerca da memória e do imaginário nas relações que as festividades da festa de padroeira propõem nos permite compreender como a identidade da sociedade local é reconstruída a partir das memórias deste evento.

A cultura é ainda uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada, portando já um significado e uma apreciação valorativa (PESAVENTO, 2003 p.15).

Neste sentido, percebe-se que a cultura é um âmbito amplo que se constitui a partir de uma gama de significados que podem ser coletivos ou subjetivos e que implicam diretamente na sociedade e nos valores que os sujeitos podem construir de acordo com algum objeto ou ação perante ele.

Esta pesquisa está situada no campo da história cultural a partir do debate em torno das festas e suas relações entre o imaginário concebido perante a ela, e as memórias constituídas na cidade, o que gera significados e processos de identidades sociais ao longo da extensa tradição secular da festa.

A pesquisa na qual se fundamenta este trabalho é bibliográfica e documental partindo da premissa da história cultural e seus sentidos manifestados em sociedade. Segundo Sá-Silva, Almeida e Guindani, apud Cellard: “A análise documental favorece a observação do processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, entre outros” (2009, p.2).

Os documentos enriquecem a pesquisa porque eles possibilitam fazer uma análise, expandi-la para, então, discutir o objeto de estudo. Sousa, Oliveira e Alves (2021, p. 68) afirmaram que “a pesquisa bibliográfica é importante desde o início de uma pesquisa científica, pois é através dela que começamos a agir para conhecer o assunto a ser pesquisado”. Nesse aparato podemos também elencar a temporalidade do mesmo, tal como as ações que foram desenvolvidas pelos sujeitos envolvidos durante o processo de sociabilidade. Além disso, Sá-Silva, Almeida e Guindani pontuaram:

O uso de documentos em pesquisa deve ser apreciado e valorizado. A riqueza de informações que deles podemos extrair e resgatar justifica o seu uso em várias áreas das Ciências Humanas e Sociais porque possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural. Por exemplo, na reconstrução de uma história vivida (2009, p.2).

Diante dessas afirmações destacamos que a pesquisa bibliográfica e documental se torna imprescindível para a construção deste trabalho, pois ao explorar e analisar os documentos, dentre eles as fotografias, podemos reconstruir a

historicidade em torno de um objeto de grande perspectiva social: as procissões da Festa de Nossa Senhora da Luz, estas que são o aparato do encontro de sociabilidade durante os festejos.

Os estudos voltados para os conceitos centrais deste trabalho são as discussões sobre festa e festividades na perspectiva de Amaral (1998); imaginário a partir das contribuições de Pesavento (2003) e, por fim, o conceito de memória partindo de Pollak (1889).

Para compreender os enlaces entre a memória e o imaginário na Festa da Luz foi necessário utilizar a fotografia. Esta que também consta como um documento bibliográfico, além do mais, ela permite o contato direto do pesquisador com seu objeto de estudo. Rio, Costa e Mendes apud Kossoy (2016. p. 102) pontuaram que “as fotografias, em geral, sobrevivem após o desaparecimento físico do referente que as originou: são os elos documentais e afetivos que perpetuam a memória”.

Isto significa que a fotografia consiste em um registro que parte do real, de uma ação, algum dado momento que merece ser capturado e lembrado pelo sujeito posteriormente. Esta conduta nos revela uma perspectiva sociocultural na qual um processo identitário se forma, ou seja, na medida em que tal instante é capturado, o sujeito se permite criar um lugar de memória que quer consultar posteriormente, além de poder relacionar a captura momentânea com suas sensibilidades.

Diante dessa menção, podemos afirmar que as imagens utilizadas nesta pesquisa permitiram uma análise mais profunda sobre a expansão da memória e do imaginário da festa da padroeira, sobretudo partindo do recorte temporal de 1987 a 2002, pois neste tempo as festividades religiosas passaram por algumas transformações, sendo nelas inseridas as procissões, estas que carregam valores e sensibilidades significativos diante da magnitude da festa até os dias atuais.

A fotografia é um recorte da realidade, um corte que promove o congelamento do fluxo do tempo na imagem e, também, um recorte espacial da realidade, através do ângulo, do enquadramento e dos efeitos escolhidos para tratar do tema fotografado. Neste cenário, o pesquisador precisa colocar (RIO, COSTA e MENDES, 2016. p. 117).

Logo, utilizar imagens ao remeter a um aspecto sociocultural de uma determinada cidade significa trabalhar com perspectivas diversas em torno da historicidade do município, bem como das memórias que são (re)construídas através

da análise imagética, principalmente no que concerne às compreensões relatadas e, por conseguinte, interpretadas através da imagem.

Um problema sentido ao desenvolver a pesquisa foi a dificuldade de trabalhar com fontes orais, pois em decorrência da pandemia ocasionada pelo COVID-19 não utilizamos entrevistas a partir das fontes orais tendo em vista que os possíveis entrevistados seriam pessoas que estavam na zona de risco. Respeitamos, portanto, os protocolos estabelecidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e optamos pela utilização de fontes iconográficas e documentais.

Este trabalho está dividido em dois capítulos. O primeiro, intitulado *Festas e Festividades no contexto da Memória e do Imaginário*, relata os fatores que contribuíram para a constituição da memória e do imaginário da cidade de Pedra Lavrada - PB, além de traçar a dicotomia que a festa da padroeira abarca entre o sagrado e o profano e de como esta está inserida nas percepções culturais deste município.

No segundo capítulo, intitulado *A cidade de Pedra Lavrada - PB a partir da memória e do imaginário da Festa de Nossa Senhora da Luz*, analisamos os antecedentes da festa, e também as festividades dela a partir das procissões, focalizando o olhar sensível para esse ato religioso que flui efeitos de grande magnitude na festa e, por conseguinte, na cultura local.

2 FESTAS E FESTIVIDADES NO CONTEXTO DA MEMÓRIA E DO IMAGINÁRIO

Este capítulo tem por objetivo elencar os fatores que contribuem para a construção da memória coletiva e individual da cidade de Pedra Lavrada - PB, tendo por base a festividade da padroeira a partir da memória e do imaginário que fez parte da trajetória desta festa, considerada na cidade um evento religioso, mas importante nas práticas culturais e sociais desta localidade.

2.1 Memória e imaginário na Festa de Nossa Senhora da Luz

Para entender a trajetória da Festa de Nossa Senhora da Luz, que ocorreu e ocorre na cidade de Pedra Lavrada, na Paraíba, torna-se significativo enfatizar que esta festa é religiosa, mas faz parte também das práticas culturais e sociais da cidade, que se consubstanciam na memória e no imaginário local. Tomamos neste tópico o itinerário reflexivo sobre memória e imaginário, para compreendermos o lugar da festa nas vivências dos cidadãos e cidadãs da cidade.

Memória e imaginário são conceitos que englobam a identidade de um sujeito tal como a de um lugar, pois as ações produzidas a partir de uma manifestação cultural ou evento geram reflexos nas memórias individuais e, sobretudo, nas coletivas, as quais interferem diretamente na construção sociocultural de tais acontecimentos.

Podemos portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p.5).

Partindo de Pollak (1992), pode-se assegurar que a memória é construída socialmente e que a partir de uma festividade, por exemplo, pode gerar ciclos de simbologias a partir dos indivíduos envolvidos que não necessariamente sigam uma ordem cronológica ao compartilharem tais acontecimentos, mas que, de toda forma, o mesmo está interligado ao dado momento e contexto.

A cidade de Pedra Lavrada fica localizada no Seridó Oriental paraibano e é conhecida na região pela tradicional festa da padroeira. As honrarias e exaltações à Virgem da Luz são feitas pelos devotos e também por turistas que chegam ao

município. Observou-se que ao longo dos anos esta festa recebeu variadas nomenclaturas tais como “Festa de Nossa senhora da Luz”, “Festa da Padroeira” e “Festa de Fevereiro”.

Esta festa apresenta uma extensa tradição na cultura, memória e religiosidade local, pois é celebrada há mais de 230 anos por parte dos católicos lavradenses. Segundo Rietveld (2010, p. 126) “No trabalho pastoral da paróquia devemos olhar em primeiro lugar a festa de Nossa Senhora da Luz, com sua tradição a partir de 1790”.

Neste mesmo ano a festa destacava-se em toda a região, sendo a principal atração durante um bom tempo, justamente por atrair religiosos de povoados vizinhos como Nova Palmeira e Cubati, e estes estarem em processo de desenvolvimento, sobretudo no que concerne às suas tradições religiosas. Desse modo, os eventos em torno dela são compostos por uma historicidade que comporta as narrativas dos devotos que constroem legados, memórias e, sobretudo, tradições.

Durante o período de veraneio, entre o fim de janeiro se estendendo ao dia 02 de fevereiro, que é o dia dedicado às homenagens à padroeira, ocorrem as festividades religiosas e profanas: os novenários à noite e pela manhã as missas, procissões, adorações e louvores. Conta-se com a participação de sacerdotes convidados, grupos musicais e também a participação significativa dos fiéis. Grande é a expectativa em torno da festa social que é constituída por shows ao vivo e carrega a tradição de sempre trazer pessoas famosas para compor o evento.

A cidade vivencia, no período dedicado às festividades da padroeira, por um processo de sociabilidade mais intensivo entre os filhos da terra, visitantes, convidados e os moradores da cidade que moram em outras localidades e que se fazem presentes através das redes sociais.

Percebemos que ocorre uma reorganização social em torno do evento, tendo em vista a recepção hospitaleira dos habitantes: desde a montagem de palco no pavilhão para louvores, quermesses, até as bandeiras hasteadas representando o órgão municipal, o diocesano e a bandeira da padroeira. A acessibilidade do pátio da igreja para a passagem de automóveis se molda para ampliar o espaço onde ocorrem os novenários. Assim é realizada a preparação do lugar para a tradicional festa.

Nessa perspectiva, é notório elencar que os aspectos econômicos, sociais e culturais se interligam para garantir o desenvolvimento da cidade, pois a festa contribui para o crescimento do comércio local gerando renda extra para lojistas, ambulantes, comerciantes etc. Além desses fatores, outro aspecto que se percebe ao longo desse

evento é a participação primordial dos sujeitos que promovem a identidade do período festivo, conectando pessoas através do efeito duplo entre sagrado e profano.

Nesse viés, podemos afirmar que o campo histórico é composto por acontecimentos que, ao longo do tempo, deixaram marcas e interferem de forma direta e indireta na vida de toda uma sociedade. São estes acontecimentos que moldam a conduta que um determinado povo possuía e possui. Nessa perspectiva é nestes acontecimentos que surgem as memórias individuais e coletivas que formulam as identidades de um determinado lugar, e, a partir das experiências, se constroem as histórias de vida de uma pessoa ou de um coletivo numa dada comunidade.

Para Pesavento (2003), os estudos relacionados às sociedades antigas são notáveis por perceberem as diferenças entre as ações daqueles povos, como, por exemplo, as funções específicas entre homens e mulheres, pois além das ferramentas que foram aprimoradas no transcorrer do tempo, tudo isso forma os saberes daquelas sociedades e, por conseguinte, a cultura na qual praticam.

Deste modo, os movimentos ou objetos de uma época possuem interpretações diferentes por pessoas diversas, e assim a história vai se constituindo. Ao observar fatos do passado no tempo presente, encontramos inquietações as quais nos permitem analisar e refletir sobre um determinado evento, que posteriormente tomamos como exemplos, seja de forma negativa ou positiva, logo nas gerações futuras poderão surgir outras formas de interpretações. No campo da história cultural as representações se tornam fundamentais, pois elas derivam de ações, experiências e também de construções de narrativas que promovem o encontro entre a memória e o imaginário.

As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade (PESAVENTO, 2003, p.39).

Podemos, portanto, frisar que as representações partem de um lugar social e real e são formadas em torno de algum objeto ou de alguém, e que geram construções, sejam elas identitárias, análises, legitimações ou até mesmo exclusões.

As representações são imprescindíveis no que concerne às discussões a respeito do campo do imaginário. Isso porque elas são compostas por sentidos que compõem a dualidade do real e do não real. Nesse viés, o imaginário pode ser

destacado como imagens que foram sendo construídas pela humanidade em diferentes períodos da história e, a partir delas, os sentidos e narrativas foram se formando, considerando seus aspectos reais, sociais ou até mesmo fictícios.

A partir da década de 1960 o campo do imaginário foi pautado como um importante encontro de debates teóricos. Este campo possui diversas variações de sentidos, dentre eles o fictício, o não real e, sobretudo, o ilusório: aquilo que não chega a ser realizado.

Segundo Magalhães (2016), os estudos de Gilbert Durand e de Cornelius Castoriadis foram imprescindíveis para a discussão em torno de uma teoria do imaginário, pois ampliaram pautas em torno do tema e possibilitaram a quebra de paradigmas, inclusive abrindo a possibilidade de este campo ser atrelado ao âmbito cultural.

Composto de aspectos ideográficos (o ideário) e arquetipal (a imaginação), o imaginário, na visão de Durand, compreende a cultura, os padrões de conduta, os códigos, as normas, bem como a afetividade, as imagens por si próprias, os ritos e as mitologias (MAGALHÃES, 2016, p. 101).

A articulação entre as ideias e a imaginação frutífera do pensamento, conduzem à composição de tudo aquilo que o sujeito observou, escutou, sentiu e, sobretudo, se identificou. Estes sentidos englobam as ações que o sujeito tem em sociedade, inclusive os grupos sociais que ele se identifica. Logo, essa construção do imaginário partindo de uma premissa cultural revela a questão da racionalização, ou seja, o sujeito tende a pensar e agir conforme as causas e os movimentos que ele está inserido na sociedade.

A contribuição de Cornelius Castoriadis nos estudos segue a linha do real e do imaginário no intuito de ampliar essa discussão, enfatizando que aspectos do real são enraizados na imaginação.

A particularidade dos estudos de Castoriadis é seu avanço em relação à racionalidade e funcionalidade da instituição social, em que o imaginário assume papel fundamental na orientação e direção do mundo social. Para ele, o imaginário antecede a própria concepção do que entendemos como realidade, sendo esta um produto daquele (MAGALHÃES, 2016, p. 102).

Partindo dos pressupostos de Magalhães (2016) o imaginário interfere diretamente nas ações do indivíduo que moldam a sociedade, sobretudo na visão sócio-histórica que provém de sentidos imagéticos. Ou seja, todos os elementos que

compõem a sociedade são frutos do real, daquilo que já aconteceu e que em um determinado momento esta sociedade teve que se adaptar seja para sobreviver, lutar ou fugir. Essa realidade moldou o imagético do momento, como também moldou a imaginação posterior.

As concepções apresentadas sobre o imaginário revelam que este campo vai além de uma visão do irreal, do fictício. Ele se apresenta como uma esfera que engloba sentidos, subjetividades e valores sociais em sintonia com a realidade e não distante dela.

Magalhães (2016) se baseia também nas reflexões do historiador e filósofo polonês Bazcko, que apresenta a concepção do imaginário social. Ou seja, para o historiador polonês o imaginário não se distancia da realidade social: é através dela e de como os indivíduos se comportam que o imaginário é regado, pois a premissa do imagético inicia-se como uma atividade subjetiva e é no decorrer das ações do sujeito em sociedade que o imaginário social vai se construindo, pois as ações em sociedade são constituídas por regras, instituições e uma gama de poder que o indivíduo acaba por seguir e obedecer.

Apesar de tudo o que foi apresentado, o campo do imaginário já foi regado por críticas e comparado a uma realidade não existente, ou seja, uma ficção, algo não dito e, por conseguinte, uma não-verdade paralela. Isso ocorreu por volta do século XVII, se estendendo ao século XIX, quando o iluminismo estava aflorando pelo mundo, sobretudo na Europa, período em que o desejo de comprovar as verdades através da razão vigorava.

Mas, por volta do século XX, devido à influência do pensamento marxista e do pensamento de Sartre, que desencadearam outros estudos, foi possível distinguir o real do imaginário. Outro ponto que fortaleceu essa distinção foram às ideias desenvolvidas no campo cultural, a partir delas a importância do imaginário foi aceita como imprescindível, pois não existe o fazer sem o pensar: toda ação remete a algum pensamento, seja momentâneo ou não, logo o real é feito a partir do imaginário (PESAVENTO,2003).

Ao adentrar em estudos e pesquisas que versam a respeito de algum objeto ou movimento emblemático de um determinado local, nos deparamos com diversas narrativas e fontes que nos levam a reconstruir o cenário da época. Histórias vão se tecendo por pessoas diversas que viveram o mesmo episódio, mas, devido aos seus lugares sociais, essas narrativas vão englobando novos conceitos, também surgem

novas brechas para tentar decifrar o diálogo entre o real e o imaginário, ou seja, aquilo que ocorreu, aquilo que deveria ter ocorrido, ou até mesmo aquilo que não chegou a ocorrer.

O real é sempre o referente da construção imaginária do mundo, mas não é o seu reflexo ou cópia. O imaginário é composto de um fio terra, que remete às coisas, prosaicas ou não, do cotidiano da vida dos homens, mas comporta também utopias e elaborações mentais que figuram ou pensam sobre coisas que, concretamente, não existem. Há um lado do imaginário que se reporta à vida, mas outro que se remete ao sonho, e ambos os lados são construtores do que chamamos de real (PESAVENTO, 2003, p.39).

Destarte, é notável que o campo do imaginário seja amplo e nos forneça uma gama de interpretações dependendo do lugar social ou das narrativas em torno dele. É válido destacar que ele se refere, a princípio, às mentalidades, e sempre estará atrelado aos desejos, às vivências e às relações dos indivíduos em torno de uma ação na sociedade, ou como é o caso do nosso objeto de pesquisa, estará associado a uma celebração e seus diversos aspectos.

Isto posto, vejamos outro aspecto importante de nossa pesquisa. Dentre as construções de sociabilidade a festa destaca-se como um espaço de poder justamente por reunir todas as classes sociais em um mesmo ambiente. Dentro deste muitas das vezes ocorrem distinções. Algumas festas distribuem espaços entre o que tem acessibilidade maior ao palco e, por conseguinte, ao camarim do artista, e o espaço maior, conhecido como arena, que engloba inúmeras pessoas e todos podem ter acesso a esta área. Desse modo, se exhibe um poder aquisitivo maior, sobretudo no que concerne ao capital envolvido, haja vista que áreas privilegiadas têm um valor superior às outras.

No entanto, a arena permite que todos os grupos se encontrem, fazendo com que as distinções sociais, por hora, sejam esquecidas, ocorrendo uma onda de calor na qual as emoções colaboram para o encontro do descanso social, isto é, um momento em que os sujeitos buscam extravasar suas emoções, se divertir, esquecendo-se de suas divergências individuais e coletivas.

Amaral (1998) chamou a atenção para o fato de que desde o século XVIII as festas constituem o cenário cultural brasileiro, identificando-se entre festividades de cunho religioso, o profano. Esses dois aspectos são atrelados de significados através de inúmeras expressões que estão compondo um momento de distração social no qual o sujeito se sente revigorado, seja qual for o âmbito que esteja participando.

As festas no Brasil majoritariamente tiveram caráter religioso. Desde os primeiros séculos da colonização que as festas acontecem promovendo espaço de comunicações, segundo Jurkevics (2005, p.74):

O espaço de sociabilidade, para a maior parte da população, se realizava fora do âmbito domiciliar, uma vez que os grandes momentos de interação social eram as festas religiosas. As práticas católicas eram marcadas por efusivas manifestações de fé visíveis nas missas com corais, nas procissões – caminho do devoto à Casa do Pai – repletas de alegorias e nas festas com músicas, danças, comidas, bebidas e fogos de artifício.

Essas festas, incorporadas de rituais, desde a procissão aos cantos, englobam pessoas que, naquele momento, estão expressando sua fé de forma singular, espontânea e mais alegre possível, pois as festas se convertem em momentos de ternura, amor e, sobretudo, devoção àquilo que se acredita. A maioria das festas que são postas como tradições estão enraizadas desde o período colonial, mas há também outras que foram construídas ao longo do tempo.

Algumas das festas que podemos destacar como tradicionais são a Festa do Divino Espírito Santo, que ocorre desde o período medieval, e ocorre no Brasil desde 1761, no interior de São Paulo primeiramente, e foi implementada posteriormente em Salvador, na Matriz de Santo Antonio de Além-Carmo entre outros lugares, e O Círio de Nazaré que remonta ao século XIV, tendo origem em Portugal, e ocorre no Belém do Pará. No Brasil a festa foi implementada em 1793, sendo considerada uma das maiores do país.

Entre essas festas religiosas, o que há de semelhanças são as festividades em torno delas, que atraem multidões com devoções genuínas, cumprindo promessas e, por conseguinte, materializando sua fé (JURKEVICS, 2005). As festas são partes do patrimônio cultural, mais precisamente do imaterial, por serem compostas de singularidades e dominarem o âmbito sociocultural no qual são inseridas.

Compondo o diálogo entre sagrado e profano, cada lugar, ou região constitui particularidades que, a um longo ou curto prazo, interferem com inovações, alterações e que, nas entrelinhas, vão diversificando o evento que faz parte da memória e do imagético social. Essa postura é defendida por (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011), quando ele apontou que:

[...] a festa é sempre a irrupção de um tempo novo, de um espaço a ser refeito e reinscrito, a festa é sempre ruptura com a rotina e com semelhança, ela é

a ordem da simulação, da invenção, do sonho e do delírio. Por mais conservadora, familista e papai-mamãe que seja uma festa, ela sempre pode permitir a embriaguez reveladora, incômoda e inconveniente; a discussão e a briga que não estava no cardápio, notadamente na hora da refeição; a manifestação de hostilidades, ciúmes, despeitos, ódios, amores e paixões que antes não queriam dizer seu nome (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 146).

Percebemos, portanto, que a festa, como um lugar que compõe espaço de poder na sociedade, pode ser elencada por fatores confortáveis ou desconfortáveis que, de forma subjetiva, revelam ao sujeito quão agradável pôde ter se tornado o evento em questão. Ocorre, nas festas, também um processo de hierarquização quanto aos espaços: há aqueles destinados a um acesso melhor ao show como camarote, área VIP e que esbanja um maior poder econômico, e a arena, um ambiente maior, que todos podem ocupar, proporcionando, assim, interações maiores.

Esta perspectiva pode nos remeter a questões político-sociais, já que foi enfatizada a festa como sendo um campo de socialização uma vez que articula os aspectos religiosos e os ditos profanos. Ambos estão direcionados a um espaço de poder a partir os recursos que trazem para a sociedade, como também no que diz respeito às interferências, por exemplo, se houver um show no mesmo tempo que irá acontecer uma manifestação religiosa, como missa ou procissão, e estes estão interligados a uma festa de “padroeiro”, a festa profana será dominada pelo sagrado pelo fato de possuir uma devoção maior, e por esta só existir através da festa religiosa. Isto é, as festas de padroeiros são compostas por dezenas de símbolos e singularidades, logo elas têm um peso maior na sociedade por envolver a fé e a tradição dos católicos em tal localidade. Desse modo, a festa profana se torna mínima comparada à religiosa, pois não tem um espaço de devoção tal como tem a festa divina.

Nessa circunstância sempre haverá uma intencionalidade entre a dualidade de sagrado e profano. Jurkevics (2005, p.85) defendeu que nas muitas manifestações religiosas, nas festas, essa circularidade é contínua e de grande visibilidade. Faz parte do que a Igreja conceitua como religiosidade popular, uma vez que não é prescrita pela liturgia, mas é celebrada, através de ritos, objetivando o encontro dos homens com o mundo espiritual e sagrado.

Nesse sentido, a festa de padroeira de Pedra Lavrada, Paraíba convive com essa dualidade há mais de 230 anos; Rietveld (2010, p.127) enfatizou que fé, religião e festa social se encontravam uma vez por ano ao redor da imagem de Nossa Senhora

da Luz. Entre esses encontros se mutuavam amizades, burburinhos, leilões, quermesses, músicas, emoções e comoções. Um espaço de sociabilidade foi moldando a festa durante todos esses anos: tradições são seguidas, novas surgem, há sempre espaço para novas ações e reinvenções daquilo que um dia foi bom, mas que agora precisa ser melhorado.

Diante destas afirmações, podemos enfatizar a memória social, pois a festa é um fenômeno social, cultural e religioso que envolve uma diversidade de pessoas, sobretudo, aquelas responsáveis por fazer parte e permitir que, ao longo do tempo, o evento ganhe novos ares e novas transformações. Ao agirem assim, elas permitem a expansão de uma memória coletiva. Isto é, em um evento como uma festa, que reúne diversos indivíduos, todos terão algo para compartilhar. Após a festa, logo se cria uma memória coletiva e social, e nestas as lembranças que são compartilhadas em sociedade contribuem para que todos que participaram de tal momento se sintam pertencente às memórias partilhadas.

2.2 Festas e festividades de Nossa Senhora da Luz

As festas e festividades são importantes no que concerne à compreensão histórica de uma cidade, pois englobam a história local e contribuem para a construção de uma memória, sobretudo as festas de padroeiros (as), pois compõem a memória social do lugar. Logo, a festa de Nossa Senhora da Luz, em Pedra Lavrada, Paraíba, se torna fundamental por operar em duas perspectivas: o sagrado e o profano, entre a sociabilidade que o lazer fornece através dos eventos artísticos e culturais.

Dessa forma, ressaltar a importância da festa da padroeira é enfatizar a memória religiosa e social da cidade, isto é, através da festa podemos discutir sobre a cidade, a memória local e as festividades em torno dela. Neste tópico, refletiremos sobre o que é festa e o que é festividade e como elas fazem parte do imaginário social local e, por conseguinte, da cultura histórica do município.

As definições em torno de festa são muitas. Isso ocorre porque, além de permitir o desenvolvimento de ações e reações, ela abarca sentidos diferentes, pois cada festa se torna única devido ao seu público e às festividades em torno dela. Há que se considerar também que ao longo dos anos as festas e festividades vão se ressignificando.

Nesta perspectiva, a festa comporta o imaginário de uma sociedade, isto é feito a partir do momento em que ela interfere nas relações sociais do lugar, sejam econômicas ou afetivas.

Como conjunto de representações coletivas e espaço de poder, o imaginário é objeto de disputa por diferentes agentes, classes ou grupos sociais que buscam, a partir de sua dominação, orientar as percepções do mundo social a partir de suas visões de mundo (objetivos, valores, modos de agir e pensar) (MAGALHÃES, 2016, p. 107).

Logo, no tempo e espaço em que ocorre a festa e as festividades, identidades movidas por ideologias, por símbolos e, sobretudo, por relações de poder são construídas e identificadas a partir da postura que o sujeito tem no âmbito do festejo, e, posteriormente, os discursos construídos a partir da vivência contribuirão para o imagético da sociedade em relação às festividades.

Diante disso, toda festa abarca linguagens e estas possuem a ideia principal de lazer, tal como de diversão, as quais são moldadas através das interações dos sujeitos nela inseridos. Em uma das definições de festa Amaral (1998) destacou a classificação do termo feita por Jean Duvignaud (1976-1983), que dividiu a festa em dois tipos: a festa de *participação* e a festa de *representação*.

A festa de participação é aquela que tem uma participação efetiva da comunidade, como algumas festas religiosas, a exemplo das festas de padroeiro. Já a festa de representação é aquela que possui plateia e atores, é aquela que atinge proporções maiores nacionalmente, isto é, quando é transmitida pela televisão em jornais, programas, etc.

Diante dessa classificação, pode-se perceber que a festa de representação é aquela em que a visibilidade da comemoração atinge diversas pessoas, no entanto, existe a possibilidade de que nem todos entendam aquilo que está sendo transmitido, o que acaba gerando uma “representação” de classes. Parafraseando Amaral (1998, p.42), o papel da festa se modificou, o seu caráter de representação se torna mais notável, pois uma classe muitas vezes se representa para outra.

Desde a formação da sociedade brasileira, sobretudo durante o período colonial as festas acarretam trocas culturais intensas entre indígenas, espanhóis, africanos e portugueses, principalmente no que concerne aos tipos de festas que eram organizadas, tanto pela Igreja como pelo Estado, além das festas populares, ou seja, as que eram organizadas distante da elite.

Logo, sobre o processo de catequização: as festas serviam como uma forma de aproximar os indígenas e os estrangeiros, na intenção de facilitar o processo de catequização. Vale lembrar que nos fins da colonização a Igreja Católica detinha um poder político tal que forçava os escravos, os indígenas e os portugueses cristãos a participarem das festas.

Ela foi uma importante mediação simbólica, constituindo uma linguagem em que diferentes povos podiam se comunicar. Sendo síntese das mediações, especialmente entre natureza e cultura, foi ela um dos elementos facilitadores do transplante de um modelo social europeu para terras tropicais (AMARAL, 1998, p. 59).

Ou seja, no fim da colonização quando a Igreja Católica detinha a soberania política, os povos colonizados eram obrigados a participar das festividades em torno do divino, era uma forma de reafirmar o poder sobre os colonizados, tanto é que um dos mandamentos da igreja era guardar domingos e festa de guarda (AMARAL, 1998).

Essa perspectiva de guardar aos domingos se refere no catolicismo tal como no judaísmo, ao dia do descanso após Deus criar o mundo. Dessa forma, assim como Deus descansou a perspectiva que é enraizada é que o indivíduo tenha o seu dia de descanso após a semana de trabalho, e no que concerne às festas é a perspectiva de louvar a Deus, de festejar os dias santos, isto é, o dia do descanso é reservado para louvar a Deus (AMARAL, 1998, p. 59).

Nesse viés, é perceptível que as festas proporcionam linguagens e sentidos diversos, possibilitando o contato entre gênero, etnias, ritmos e, por conseguinte, entre culturas diversas. É neste espaço de encontros que a festa se faz, logo, não se pode caracterizar o termo de uma forma única, pois cada festa, a partir do seu público e de suas interações, se faz única.

Outro ponto que abarca uma determinada festa são as festividades em torno dela, isto é, as comemorações extras envolvendo comidas, danças e músicas. Por exemplo, as festas em torno de padroeiros em uma respectiva cidade, englobam as festividades que são arraigadas de diversos significados e ritos que a fortalecem a cada ano.

Desse modo, ambas compõem uma dualidade de sentidos, ou seja, a festa abarca todo o aparato cerimonial que faz jus a algo ou a alguém, neste caso, ao culto do divino, ou seja, o sagrado. Enquanto as festividades englobam a comemoração em torno deste divino, ou aludem a outro tipo de comemoração, é através delas que se

molda a logística do profano, que envolve os aspectos artísticos, sobretudo a noção de lazer supramencionada.

Toda festa acontece de modo extra-cotidiano, mas precisa selecionar elementos característicos da vida cotidiana. Toda festa é ritualizada nos imperativos que permitem identificá-lo, mas ultrapassa o rito por meio de invenções nos elementos livres (AMARAL, 1998, p. 39).

Esses sentidos que a festa envolve se entrelaçam o tempo todo. Por exemplo, as festas de padroeiros(as) comportam tradições com inúmeros símbolos e, ano após ano, estes símbolos são transformados devido às circunstâncias, haja vista que, assim como a cultura pode ser ressignificada, com as festas e festividades não seria diferente já que comportam boa parte da história local.

Nesta perspectiva, a festa de Nossa Senhora da Luz é fundamentada na devoção dos fiéis à padroeira do Seridó paraibano. A festa promove o encontro entre os lavradenses, amigos, famílias, visitantes e ex-filhos da terra que todos os anos profetizam a sua fé e festejam os reencontros.

Nas festas as trocas culturais, sob suas diversas faces, acontecem em diferentes sentidos. Aparecem na arte, na estética, na música, na religião, estendendo as relações facilitadas pelo contato na festa, em que os aspectos mais fortes das culturas parecem surgir de modo mais denso e o mútuo conhecimento permite a apreensão e escolha de novos modos de viver (AMARAL, 1998, p. 89).

Por mais de dois séculos a festa de padroeira sustentou as suas tradições e a cada ano enriquece a devoção dos seus fiéis, que é expressa através de doações, orações, devido às graças alcançadas, tal como a importância que esta tem na cultura local da cidade.

A devoção se torna uma das peças-chaves durante as festividades, pelo fato de entrelaçar os milagres, algo sagrado na cultura do catolicismo, pois a crença no santo faz com que milagres sejam alcançados devido ao fervor dos fiéis, logo, se cria o sentimento de veneração, de entrega. “A força simbólica do milagre na festa é tão verdadeira e arraigada na cultura popular que ainda é comum que as festas sejam promovidas e financiadas por pagadores de promessas” (AMARAL, 1998, p.81).

Essa perspectiva apontada pelo autor revela a conexão entre o sagrado e o profano, isto é, a relação entre a vontade humana, partindo de um pedido através de sua fé, e a ação sagrada. Pois, na medida em que o fiel é contemplado com uma graça

feita a partir de um pedido divino, ele quer exibir sua gratidão partindo de contribuições para a festividade do seu padroeiro, a partir de diversos patrocínios.

No entanto, a festa também concebe uma dicotomia entre grupos sociais, notadamente os políticos: oposição e situação do município competem pelo espaço de patrocinar, ou seja, se destacar em torno do pavilhão (local este que fica localizado no patamar da matriz e é destaque por unir famílias, visitantes e os grupos políticos do município e de cidades vizinhas), exibindo seus privilégios. Nas entrelinhas, exibem a devoção, a bondade, mas acima de tudo reafirmam seus poderes durante a festa e perante a sociedade.

Essa tradição secular impacta durante dez dias a estrutura da sociedade lavradense. As ruas centrais da cidade são contempladas por parques, barracas de comidas, de brindes, quermesses em torno do patamar da igreja, gente de lá, gente de cá, que fazem questão de fazer parte das festividades, tal como o privilégio de honrar a padroeira durante todos os anos.

Destacamos as festividades em torno da festa, que são meramente regradas, ou seja, compõem certos rituais. As procissões, por exemplo, são compostas à frente, pela liturgia, junto com o padre, logo após o andor com o santo homenageado do dia, os pagadores de promessas e, em sequência, os fiéis louvando e rezando. Estes são traços que possibilitam as expressões de adoração dos fiéis durante as procissões, o sentimento de doação em troca dos milagres que recebem.

Outro ponto fundamental em homenagem à padroeira é o show pirotécnico, popularizado como a “queima de fogos”, que simboliza uma honra à santa homenageada. Este show tem a atenção de todos os cidadãos, sem distinção de religião, pois significa um momento de celebração e quer seja devoto ou não, a cidade inteira contempla tal espetáculo.

Esse traço é característico desde as festas realizadas na colônia, sobretudo no século XVII (AMARAL, 1998, p.79): as luzes na cidade juntamente com os fogos de artifício tinham a função de anunciar a saída ou a chegada das procissões à igreja, que ficava localizada na praça, tal como ocorrem nos dias atuais.

A festa de padroeira e as festividades são destacadas como ponto de encontro e trocas culturais, o que deixa subentendido a importância destas para o fortalecimento da história, tal como, da cultura local da cidade. As noções de moda, de ritmos, de tradição, se manifestam a todo tempo durante os festejos, logo, o comércio local se amplia durante este período e há euforia entre vendedores

ambulantes, lojas e galerias a fim de buscar o melhor para o seu estabelecimento e atrair o público interno e externo.

É através deste giro econômico que a alegria do festejar se intensifica durante as festividades, principalmente para os comerciantes, pois o capital circula mais rápido e faz com que os lucros melhorem. É dentre esses aspectos que a festa se mostra importante para a cultura do município.

3 A CIDADE DE PEDRA LAVRADA-PB A PARTIR DA MEMÓRIA E IMAGINÁRIO DA FESTA DE NOSSA SENHORA DA LUZ

Este capítulo tem como objetivo elencar os antecedentes históricos da Festa de Nossa Senhora da Luz - PB, enfatizando o lugar dos devotos precursores e as famílias envolvidas nesse evento ao longo do tempo. Objetiva também mostrar como ela é fundamental para os lugares de memórias construídos pelos sujeitos nela inseridos.

Abordar a festa sob a perspectiva das vivências dos devotos a partir das procissões e como elas eram organizadas no contexto em estudo é fundamental para entender o próprio sentido da festa e sua memória na cidade. As procissões fazem parte da festa como o momento significativo da mesma. Neste sentido, o nosso foco será trazer a festa na cidade a partir do olhar focalizado nas procissões, em cenas que fizeram parte da memória social da cidade e da constituição de sua história.

3.1 A festa de Nossa Senhora da Luz e os seus antecedentes (1987-2002)

Nortear uma perspectiva sociocultural sobre a Festa de Padroeira de Pedra Lavrada - PB nos remete aos lugares de memórias em que esta festa foi se construindo e se resignificando ao longo dos anos. Partindo da premissa de lugares, é necessário explanar acerca da localidade na qual esta festa moldou tradições e identidades.

A cidade de Pedra Lavrada fica localizada no Estado da Paraíba, mais precisamente na microrregião do Seridó Oriental Paraibano, apesar de sua emancipação política ser datada no ano de 1959, quando é desmembrada do

município de Picuí, as suas origens enquanto povoado, narradas em alguns escritos, a posicionam como o mais antigo da região, datado do ano de 1760.

A cidade é referenciada pelos cidadãos e reconhecida na região como a “Terra do Minério” devido ao fato de que seu subsolo é rico em rochas e minerais, geologicamente é considerado um dos mais diversificados e fundamentais municípios no Brasil. Nele se encontram minerais como quartzos, a mica, berilo etc., essa riqueza acaba sendo um dos pilares da economia da sociedade lavradense, pois a extração desses minérios geram empregos. Outra referência atribuída à cidade é “Princesinha do Seridó”, pelo fato da sua emancipação estar entre uma das mais recentes no que concerne aos municípios vizinhos.

A origem do seu nome é atrelada a um monumento histórico arqueologicamente citado como a “Pedra de Retumba”, e conhecida pelos moradores como a “Pedra Lavrada”. Este monumento possui mais de 300 figuras rupestres e é palco de grandes estudos e teorias. “[...] Pedra Lavrada guarda no seu nome, como único município na Paraíba, uma referência a um sítio arqueológico e os antigos habitantes” (RIETVELD, 2010, p. 09).

Nessa perspectiva, podemos articular o nome da cidade a uma origem de pertencimento, sobretudo de identidade, pois, através de uma rocha repleta de gravuras rupestres, se (re) conhece a origem do município. Outro aspecto fundamental na construção da identidade da cidade é a maneira como o hino municipal, escrito por Paulo Sérgio Guimarães, exala, em suas primeiras estrofes, a fortaleza de uma civilização passada: “Da inteligência e da bravura de um povo, desbravando um mundo novo, surgiu Pedra Lavrada, pedra por força da natureza, lavrada pela grandeza de uma civilização antepassada.” Mais adiante Paulo Sérgio expõe, na letra, que a terra lavradense foi fruto de lutas e glórias e que posteriormente se tornou “[...] essa terra hospitaleira, abrigo de nobres tradições [...]”.

Além do Complexo Arqueológico¹ onde a Pedra de Retumba se localiza, o município contempla outros sítios arqueológicos de grande importância que vem despertando o turismo e o apreço pelo (re)conhecimento de uma consciência histórica por parte dos munícipes, além de festividades tradicionais, dentre elas a mais antiga de todas: A Festa de Nossa Senhora da Luz.

¹ O Sítio Arqueológico denominado Cantagalo é onde se localiza o monumento da Pedra de Retumba, que fica a aproximadamente 800 metros da zona urbana.

Perante o exposto, é perceptível elencar que as nomenclaturas denominadas para identificar um lugar cooperam para a construção da memória social, gerando um sentimento de pertencimento no processo de interação social entre os sujeitos da localidade.

O estudo da história e da cultura são instrumentos muito valiosos para um pastoreio eficiente. O conhecimento leva ao verdadeiro amor: a gente só ama de verdade aquilo que a gente conhece; é este amor que deve guiar toda a ação pastoral (RIETVELD,2010, p.09).

Nesse sentido, recorrer aos antecedentes da festa de padroeira de Pedra Lavrada - PB, significa ressignificar lugares de memórias que são compostos por afetos, emoções e, por conseguinte, por contradições, haja vista que Pollak (1992, p.4) pontuou que “a memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa”.

Diante disso, recorreremos aos princípios que originaram a festa mais significativa da cidade: o Padre João Jorge Rietveld, em seu livro “*História da Paróquia de Nossa Senhora da Luz de Pedra Lavrada*” lançado no ano de 2010, levantou algumas teorias e, por conseguinte, conclusões acerca da chegada do catolicismo na cidade, assim como da futura capela de Nossa Senhora da Luz.

Foi partindo da premissa do primeiro livro de Tombo da Paróquia, que Rietveld (2010, p.95) analisou como um dos mais importantes da história da paróquia, que ele afirmou que foi em meados do século XVII, mais precisamente no ano de 1760 que o fazendeiro José Bezerra da Costa e o doutor Alexandre Bernardino Reis solicitaram ao bispo de Pernambuco, na época o então Thomaz Costa da Encarnação, a construção da primeira capela no povoado. Logo, foi concedida a autorização e José Bezerra da Costa doou as terras e assim foi construída a primeira capela, e posteriormente, em 1789 foi realizada a sua bênção.

Mas, essas informações são analisadas com inquietações, sobretudo pela lacuna de tempo entre a construção do edifício sagrado e a sua inauguração, haja vista que o bispo citado não correspondia ao da época, que era o Francisco Xavier Aranha.

Rietveld (2010) fez considerações importantes: para conseguir tal feito com relação à licença da capela, a figura de José Bezerra da Costa era um homem de família que possuía prestígio na sociedade, tornando-o também fundamental para

esta. Além disso, seus sobrenomes *Costa* e *Bezerra* tinham origem judaica, o que interferia na questão das doações da terra: para despistar as suas origens. Outro fator apontado é que a doação de terras poderia ser uma garantia que ele teria para ser sepultado, tendo em vista que essa atitude era corriqueira por muitos fundadores da igreja. Por fim e não menos importante RIETVELD (2010, p.98) destacou que:

[...] sabendo que os números seis (6) e oito (8) são parecidos, supomos que o pedido para a construção foi feito em 1780. A benção aconteceu em 1789 e a inauguração depois de terminar a construção em 1792. Os anos de 1790 até 1792 foram anos de muita seca, o que pode ter atrapalhado a finalização da obra.

Diante dessas explicações, a escolha da padroeira: Nossa Senhora da Luz também foi feita por José Bezerra da Costa, pelo fato de ter contato com outras igrejas que tinham como intercessora a Virgem da Luz. A inspiração do desastre em Lisboa: o terremoto de 1755, onde todos os prédios foram arruinados, inclusive a Igreja de Nossa Senhora da Luz; essa construção poderia ter sido um reparo. São diversos os motivos que levam a pensar acerca da imagem escolhida, mas o principal pode ser atrelado ao fato da origem judaica de José Bezerra da Costa, pois “[...] os judeus celebram anualmente a festa de Chanuka, a festa das luzes durante oito dias no final de novembro e no início de dezembro. A festa de Nossa Senhora da Luz também visa a luz (RIETVELD2010, p.09)”.

No que concerne às construções em volta do catolicismo lavradense é válido ressaltar a teoria em volta da postura de José Bezerra da Costa, que aponta o uso da escolha da padroeira como um lugar de pertencimento, pois para a “tese de sua origem”, comemorar a passagem da luz era imprescindível, e trazer isso para o povoado era o ponto chave para o encontro de uma identidade. Apesar da capela ter sido fundada em meados do século XVII, foi apenas em 1859 que a paróquia foi fundada, no entanto, não há dúvidas que desde o nascedouro da capela a devoção em torno da padroeira é fecunda, atravessando gerações.

A partir de 1790 se constituem as tradições em torno da Festa de Nossa Senhora da Luz, de acordo com Rietveld (*apud* ALBUQUERQUE, 1994, p.45-46) “[...] com missa cantada, procissão, mestre João Alberto à frente da banda, leilão e confeito à vontade para a criançada. O leilão era a nosso ver, o ponto alto da festa [...] Enfim, Pedra Lavrada vivia um dia de glória. A procissão era, também, uma das coisas mais lindas que já se viram em Pedra Lavrada [...]”.

A partir dos depoimentos supramencionados é perceptível que dois pontos de sociabilidade se tornavam os pilares das festividades, isto é, a comunicação visual do evento. O primeiro, o leilão, como bem citado, era o ápice da festa. Diante disso pode se questionar: será que é pelo fato de ser um espaço onde havia aglomeração e, de certa forma, democratização? Ora, entre os artefatos leiloados qualquer sujeito poderia fazer lances, além daqueles que faziam questão de ir para prestigiar as investidas. Por outro lado, a procissão é citada como uma das coisas mais belas que a cidade já contemplou, pode se levar em consideração o fato dela exibir a devoção dos fiéis à Virgem da Luz, pois são estes que fortalecem a religiosidade do evento.

O leilão e a procissão são duas características que tornam a festa um evento de grande magnitude, e fazem emergir a dicotomia entre o divino e o profano, isto é, a procissão traz a perspectiva de oração, preces, silêncio um momento de louvor e de entrega; por outro lado, o leilão exhibe prazeres, alegrias, o lazer mais caótico, por assim dizer. Mas, ambos permitem encontros e desencontros. É a sociabilidade em si, construindo lugares de memórias e construindo, por conseguinte, a cultura local.

As cidades e as vilas, em seu conjunto, se tornavam um palco de sociabilidades numa época em que grandes distâncias separavam a população e os transportes eram poucos abundantes. Somado a isto, face aos poucos recursos de uma parcela considerável da população, as festas eram, possivelmente, as únicas oportunidades de descanso, prazeres e alegria, confraternização e divertimento, além de fornecerem importantes elementos acerca do fenômeno de circularidade cultural (JURKEVICS, 2005, p.75).

Nesse viés, remontando a meados do século XVII, a Paróquia de Nossa Senhora da Luz era a única entre os povoados de Cubati e Nova Palmeira, em que já havia uma tradição sendo zelada. Logo, durante as festividades em torno da Festa de Nossa Senhora da Luz, ocorria uma interação social significativa e frutífera entre os povoados.

A consolidação da tradição nas festividades em homenagem à Padroeira de Pedra Lavrada apresenta uma concepção da religiosidade popular que ultrapassa gerações. Cada qual se adapta aos festejos à sua maneira, tendo em vista que os sujeitos envolvidos fazem questão de zelar por tal.

Outro fator que merece destaque é o fato de que o reconhecimento e interesse da comunidade católica lavradense por volta da década de 80 do século XX se tornou mais intenso a partir desta festa e os devotos fervorosos e atentos aos festejos

desenvolveram ações para promoção da festividade. Foi nesta época que houve a apresentação de fogos de artifícios pela primeira vez, algo que é pertinente até os dias atuais durante as festividades em honra à padroeira e que se tornou parte fundamental da composição da festa religiosa.

Essa década foi marcada por adaptações intensas na paróquia de Pedra Lavrada, sobretudo nas mudanças de párocos, pois até o ano de 1987 todos os administradores paroquiais que passavam pela paróquia lavradense, atuavam em outras da região, tendo mais responsabilidades e, por isso, muitos destes não residiam na cidade de Pedra Lavrada (RIETVELD,2010).

Em 1987 o padre Francisco Aparecido Camargo foi nomeado para administrar a paróquia de Pedra Lavrada ainda na condição de diácono, e residir na casa paroquial. A sua missão no município foi de implementar trabalhos pastorais em que o povo pudesse participar de forma fervorosa, contribuindo para um trabalho pastoral com comunhão e maior participação dos fiéis.

Segundo (RIETVELD, 2010, p.166), as ações do padre Aparecido com o intuito de aplicar a comunhão na comunidade também se configuraram como um aspecto imprescindível para a sua vida particular, pois ele em nenhum momento trabalhou só: as Irmãs Consuelo e Fidelis, até 1992, faziam parte de sua equipe pastoral no município lavradense.

Durante os festejos de Nossa Senhora da Luz, o padre Aparecido incrementou uma atitude mais evangelizadora no decorrer da festa: as peregrinações da imagem da padroeira passaram a percorrer o setor da zona rural. Essa atitude foi uma forma de envolver todas as comunidades que eram distantes da matriz para fazer parte da tradicional festa de padroeira.

Ao nos depararmos com a ação de evangelizar os mais distantes, percebemos que o padre supramencionado desvelou um olhar sensível sobre a paróquia que estava administrando, sobretudo pelo fato do seu intuito, desde o começo, ter sido a comunhão do povo, o que é pregado em seu legado ao longo dos trabalhos pastorais. Esta comunhão também se faz presente nas memórias afetivas que os católicos lavradenses desenvolveram por ele.

Outro fato que merece destaque e envolve a festa sob a administração do pároco Aparecido ocorreu no ano de 1992 quando, em um dos aspectos fundamentais da festa: a procissão de Nossa Senhora da Luz foram adicionados estandartes, panfletos etc., levados pelas pessoas em memória e, nas entrelinhas, protesto aos

sindicalistas que defendiam os direitos humanos como a Margarida Alves e o Chico Mendes. Tal ação fez com que o padre sofresse ameaças.

Essa ação em pleno período festivo e na procissão, onde o evento tem mais visibilidade reflete a postura social e política do padre perante a sua comunidade, em um contexto no qual o país estava se reestruturando após o golpe militar de 1964, que durou 21 anos.

Nessa perspectiva seguiram as festas seguintes até que no ano de 1999 o padre Francisco Possiano foi nomeado sucessor de Padre Aparecido. Ele deu continuidade aos trabalhos paroquiais. As festas de Nossa Senhora da Luz eram enriquecidas pela presença das comunidades vizinhas. Entre quermesses e procissões as pessoas se socializavam, o que gerava lucro para a manutenção da igreja e dos serviços. A administração do padre Possiano finalizou no ano de 2002, no entanto seus serviços renderam frutos e por volta do ano de 2006 ele retornou para a paróquia.

Em 2002, o padre João Jorge Rietveld foi nomeado para ser responsável pela forania sericar. Ele administrava quatro paróquias: Pedra Lavrada, Juazeirinho, Santo André, Tenório e também Nova Palmeira, que consta como comunidade de Pedra Lavrada. A locomoção do padre ocorria quinzenalmente para dar assistência às paróquias supramencionadas entre Juazeirinho e Pedra Lavrada, no entanto, no período das festividades de Nossa Senhora da Luz ele priorizava um atendimento mais intenso aos católicos fiéis.

Durante sua administração a Festa de Nossa Senhora da Luz, ganhou novas tradições que perduram até os dias atuais, dentre elas a missa dos vaqueiros e a bênção dos carros.

A missa dos vaqueiros ocorria com o intuito de unir os agricultores e os vaqueiros da terra do minério, uma missa dedicada à história e à cultura da região, ao ar livre em frente ao pátio da igreja matriz, uma missa regada a emoções, pois o culto em volta dela unia a devoção à Virgem da Luz, fazendo uma procissão de cavalos pela cidade, com a imagem da santa à frente, com a perspectiva da Virgem da Luz iluminar esses devotos vaqueiros.

Além dos aboiadores fazendo homenagens à labuta do cotidiano e à Santa devota, ao final da missa havia a passagem dos vaqueiros pela Imagem de Nossa Senhora da Luz fazendo reverência àquela que tanto os protegia. Outro fato que merece destaque é que os vaqueiros eram servidos com rapadura e queijo. Essa

junção tinha a intenção de unir o salgado e o doce, assim como as lutas e superações diárias encontradas pelos agricultores e, por conseguinte, pelos vaqueiros.

A extensão desta missa exhibe um fator importante acerca da construção cultural dessa festa na sociedade lavradense, pois em uma festa que chama a atenção regional durante dez dias de celebrações, selecionar um dia para os que estão na chuva ou no sol, dia após dia, demonstra a sensibilidade para resgatar a memória daqueles que são tão importantes para a economia e história local.

Outra tradição englobada nas festividades foi o dia dedicado ao “Menino Jesus de Praga”, esta direcionada para as crianças, sobretudo os pagadores de promessas, o vermelho e o branco nos trajes dos devotos se torna significativo para simbolizar a questão da devoção, da fé em torno da graça alcançada, pois o manto vermelho em volta da imagem do Menino Jesus de Praga simboliza o sangue, a paixão de Cristo, o branco significa pureza, pois é um menino humilde, inocente e verdadeiro. Esses significados tornam a tradição sensível e constrói memórias afetivas em torno da Festa de Nossa Senhora da Luz. Veja na figura 1:

Figura 01: Imagem do Menino Jesus de Praga



Fonte: Pastoral da Comunicação/Paróquia de Nossa Senhora da Luz, 2022. (Acesso em: 18 de mar. de 2022).

3.2 A Festa de Nossa Senhora da Luz na perspectiva da procissão

A Festa de Nossa Senhora da Luz é composta por tradições e simbologias que a tornam única e essencial para a cultura lavradense. A cada ano as tradições são ressignificadas, pois os sujeitos envolvidos na sua organização priorizam as festividades, fazendo com que elas se tornem cada vez mais amplas.

As simbologias em torno de um evento podem se manifestar de várias formas, por exemplo: na montagem de quermesses, na organização de corais, na divisão de missionários para animar a festa, estas formas se reinventam décadas após décadas, ou até mesmo ano após ano. Nesse ínterim, traçamos a Festa de Nossa Senhora da Luz na perspectiva da procissão, tendo em vista, que é um espaço em que os devotos demonstram a sua afetividade à festa no mais íntimo de seu ser e, por conseguinte, sua devoção ao divino.

As procissões que ocorrem na Festa de Nossa Senhora da Luz são muitas: a motorizada, com automóveis, motocicletas etc.; a dos vaqueiros: uma caminhada com os cavalos e seus respectivos donos; a peregrinação em honra às imagens santificadas e, a mais importante e esperada de todas elas: a *Procissão da Luz* que faz honra ao dia de Nossa Senhora da Luz, que “guia com sua luz pelas trevas” seus devotos e fiéis.

A procissão motorizada é organizada pela comissão do Terço dos Homens² e também pela Secretaria de Infraestrutura do município, como uma forma de priorizar a organização da cidade em volta desta passeata de cunho religioso. A característica principal desta procissão é a benção dos automóveis, logo, os motoristas, motociclistas e ciclistas passam em frente ao patamar da matriz e o padre move um ramo encharcado com água benta sobre estes. Podemos observar este momento na figura 02:

Figura 02: Procissão Motorizada (motoristas, motociclistas e ciclistas) em 2019

² Grupo de homens católicos e devotos da Virgem da Luz, que rezam o terço todas as segundas-feiras na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Luz.



Fonte: Pastoral da Comunicação/Paróquia de Nossa Senhora da Luz, 2019. (Acesso em: 21 de mar. de 2022).

Destacamos também a procissão dedicada aos vaqueiros e agricultores do município. Desde o começo da procissão até o fim dela existem significados e ritos diversos: à frente da caminhada são expostos os cavalos e, no meio deles, a imagem da Virgem da Luz, e ao seu lado alguns vaqueiros carregam bandeiras, como a da cidade, do estado e do país. Estas são formas de fazer *jus* e reconhecer as origens. Assim como a procissão motorizada, a peregrinação com os vaqueiros e agricultores carrega a mesma tradição da bênção: os cavalos e seus respectivos donos, ao passarem pelo padre e a imagem santificada que ficam no patamar da matriz, fazem reverência com o intuito de receber a bênção da Virgem da Luz.

Apesar de terem traços idênticos, cada procissão carrega consigo significados subjetivos, uma vez que cada devoto entoa suas preces partindo de suas necessidades.

Figura 03: Procissão dos Vaqueiros e Agricultores com a Imagem de Nossa Senhora da Luz



Fonte: Pastoral da Comunicação/Paróquia de Nossa Senhora da Luz, 2019. (Acesso em:21 de mar. de 2022)

Durante as festividades, três dias são destinados à procissão, com a Imagem da Virgem da Luz pelas ruas da cidade. O primeiro ocorre na abertura da festa, quando se faz a acolhida à Imagem da padroeira, a elevando até o patamar da matriz; o segundo é dia dedicado à santa: 02 de fevereiro. Nesta data as honrarias a Virgem da Luz são intensificadas e a procissão é enriquecida pela Banda Filarmônica Eugênio de Vasconcelos e contemplada pelos fiéis que, na maioria dos trajés, vestem roupas brancas como uma forma de pagar suas promessas bem como de render graças à padroeira deste povo. Vejamos na Figura 4:

Figura 04: Banda Filarmônica Eugênio de Vasconcelos animando a Festa de Nossa Senhora da Luz



Fonte: Banda Filarmônica Eugênio de Vasconcelos - "Minhas Recordações I" Youtube - Canal José Vasconcelos. Disponível em: https://youtu.be/BHEi_8z0Trs.

E, não menos importante, a procissão ocorre no encerramento da festa. Neste dia a procissão é considerada uma das maiores. Isso ocorre porque o dia direcionado para o encerramento da festa é o domingo e, devido à relação entre as festividades profanas e sagradas, a cidade desfruta de inúmeros visitantes, além dos “filhos da terra e ausentes” que, encantados por tamanha devoção e tradição, fazem questão de vivenciar o momento da caminhada.

A procissão de encerramento das festividades da padroeira se torna única ano após ano, pois ela elenca diversas sensibilidades por parte dos católicos lavradenses, isto é, como a festa é finalizada em um domingo com a grande peregrinação pelas ruas principais do município, os visitantes precisam retornar para suas cidades e os filhos da terra reorganizar suas atividades cotidianas, logo, o domingo abrange duas concepções: o fim de um ciclo e o início de uma nova semana.

Nesse sentido, os lavradenses devotos da Virgem da Luz pregam uma narrativa que consiste em um esperar: “finalmente, o ano começou após a Festa de Padroeira”. Esta perspectiva pode ser atrelada à questão de revigoração que as festividades de Nossa Senhora da Luz fornece àqueles sujeitos que participam dela, seja através das interações no âmbito profano, bem como no sagrado, este revigoração se dá, é claro, de forma subjetiva. Jurkevics, 2005 (apud Bataille, 1973, p.30) afirmou: “A festa é a fusão da vida humana. Ela é para a coisa e o indivíduo o

cadinho onde as distensões se fundem ao calor intenso da vida íntima”. Diante disso, é perceptível que dentre as inúmeras sensações e características que as festividades abarcam, a procissão de encerramento se torna um dos cartões postais das festividades de Nossa Senhora da Luz.

Figura 05: Procissão de encerramento das festividades de Nossa Senhora da Luz em 2019



Fonte: Pastoral da Comunicação/Paróquia de Nossa Senhora da Luz, 2019. (Acesso em: 20 de mar. de 2022)

Desde a gênese da festa da padroeira a procissão é destacada como uma das peças-chave que abrilhantam a festividade religiosa. Essa questão pode ser atrelada ao espaço de sociabilidade que a procissão fornece, pois ela se configura em uma marcha solene acompanhada por jovens, adultos, idosos, crianças e, dentre esses sujeitos, os pagadores de promessas, que levam o ritual solene de forma sensível. Todos peregrinando com um único intuito fazer devoção à imagem santificada, em virtude das graças alcançadas.

O fervor dos católicos lavradenses em torno da procissão exhibe também um lado popular da religiosidade, pois segundo Rietveld (apud Lorenzo, 1972, p.153) “[...] no sábado para evitar consequências piores, dei licença para fazerem a procissão, da qual o povo é fanático.” Essa menção, revela a fidelidade do povo cristão para com a

sua prática: a procissão. Outra afirmação, não distante desta, pontuada por Rietveld (apud Lorenzo, 1974, p.153) “[...] no domingo a “procissão” teve que sair, mesmo que embaixo de chuva”.

Essas duas exposições nos permitem perceber a identidade que os sujeitos criaram em torno da procissão: um lugar de encontro ao sagrado que é entoado por cantos e hinos. Na imagem abaixo é notória uma característica pertinente das procissões, que é a imagem santificada, ornada por flores em sua volta, sendo levada em um andor:

Figura 06: Imagem de Nossa Senhora da Luz carregada em um andor durante a procissão



Fonte: Paróquia de Nossa Senhora da Luz.

A figura 06 revela o processo de identificação social: são devotos da Virgem da Luz elevando o andor sob seus ombros como uma forma de demonstrar sua fé e veneração perante a imagem sagrada. Na maioria das vezes o andor é levado por homens. Essa característica pode ser atrelada ao quesito de força uma vez que a caminhada passa pelas principais ruas da cidade, o que torna a tarefa de certa forma pesada e cansativa, no entanto, mulheres também fazem questão de elevar o andor, em virtude de cumprir suas promessas.

Destarte, outro fator preponderante é a espera pela imagem santa no patamar da matriz. Tal ação coopera para um aglomerado de pessoas e, por conseguinte,

surge uma grande concentração aguardando a organização da liturgia e dos missionários para seguir com a peregrinação. Observa-se na figura abaixo:

Figura 07: Concentração para a saída da procissão da imagem de Nossa Senhora da Luz



Fonte: Acervo de Rita Alves Neta.

Levando em consideração a caminhada que a procissão proporciona, ela tem um sentido sagrado: existem relações de entrega; o silêncio, bem como a oração pronunciada ou cantada são necessários, uma vez que são formas de se expressar ao divino e, por conseguinte, a concentração, melhor pontuando, a preparação para carregar a imagem da padroeira pelas ruas lavradenses, é primordial e significativa.

Dentre tantos fatores proporcionados ao longo de dez dias pelas festividades da festa de padroeira de Pedra Lavrada-PB, é imprescindível destacar a importância, em seus aspectos mais íntimos, que a procissão adquiriu. Esta peregrinação inclui um processo de sociabilidade intenso, se estendendo à formação de uma memória coletiva, pois os indivíduos que participam desse aspecto portam, entre suas

subjetividades, expectativas e emoções e, ao terem contato com o divino, acabam cooperando para uma comoção coletiva.

É evidente que as procissões que são realizadas durante as festividades de Nossa Senhora da Luz contribuem para a construção da memória social e coletiva da comunidade católica, pois cada uma abarca significados e sensibilidades que perpassam gerações, além de moldar o imaginário social, este que é redigido por simbologias, pensamentos e ações.

Neste sentido, as procissões têm o intuito de fazer uma caminhada ao divino, além de contemplá-lo, elevando a subjetividade dos sujeitos inseridos de forma popular. Isto é, para muitos fiéis, as procissões que são realizadas na Festa da Luz são aspectos que devem ser seguidos, ou melhor dizendo, que precisam ser praticados justamente porque ao adentrar o espaço da caminhada se encontram indivíduos diversos, que permitem que a emoção e comoção se tornem protagonistas do ato religioso.

Portanto, se torna primordial analisar como as procissões se constituem parte essencial na festa da padroeira de Pedra Lavrada-PB, sobretudo no que concerne à sua historicidade, a qual promove um processo de democratização na sociedade em que todos os envolvidos que acompanham e esperam tal ato religioso se unificam em um só propósito, que é demonstrar a sua afetividade e a sua fé ao sagrado de forma popular.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A História Cultural é um âmbito repleto de representações e significados. Dentro destes podemos perceber o quanto as sensibilidades se destacam devido às premissas que o âmbito fornece, dentre eles um dos mais importantes é perceber os sentidos de um aspecto que tem um valor sociocultural para a identidade de uma determinada sociedade. Logo, é de suma importância destacar como as festividades em torno da Festa de Nossa Senhora da Luz, que ocorre na cidade de Pedra Lavrada - PB, moldam a memória e o imaginário da sociedade local.

No decorrer desta pesquisa foi possível compreender como a festa tem um poder social na cultura local, isto é, no tempo e espaço em que ela é realizada os sujeitos envolvidos moldam suas condutas numa perspectiva de um antes e depois, uma vez que as festividades permitem um regozijo àqueles que ousam e fazem questão de participar, seja no sentido sagrado seja no profano.

Essa perspectiva coopera para a construção da memória social e coletiva da cidade, levando em consideração que as sociabilidades que são desenroladas no decorrer da festa possibilitam múltiplas relações, de encontros ou desencontros: todos os envolvidos trazem e levam algo que construiram diante das comemorações e preces que o evento possibilita.

Ao recorrer aos antecedentes da festa, sobretudo no que concernem ao período de 1987 a 2002, é pertinente ressaltar que esta temporalidade foi repleta de transformações significativas, no âmbito católico da sociedade local, principalmente devido às transformações que ocorreram nas festividades e que contribuíram para o fortalecimento da religião popular, assim como para a devoção dos fiéis lavradenses. Como exemplo dessas transformações, podemos citar a procissão dedicada aos vaqueiros e agricultores, que concebe significados que ultrapassam gerações, se solidificando como uma das tradições mais sensíveis em torno da festa.

Além da perspectiva da memória da cidade constituída através da festa da padroeira é essencial destacar como o imaginário social se concebe nas entrelinhas das afetividades dos devotos lavradenses, tendo em vista que o imaginário, assim como a memória contemplam representações e estas são concebidas nos espaços que ofertam uma interação social mais complexa, como é o caso das procissões.

Diante do exposto, percebemos como a valorização de uma história que atinge o âmbito cultural pode se tornar sensível principalmente quando se direciona a um aspecto pouco discutido ou lembrado, como o caso das procissões. É partindo desta premissa que destaco a importância de se trabalhar na perspectiva da história local, ou seja, de voltar aos lugares de afetividade construídos em minha memória e perceber que a tradição secular da Festa de Nossa Senhora da Luz tem uma significância para a sociedade local a partir das suas solenidades e seus ritos.

Neste sentido, ao supramencionar lugares de memórias é importante elencar que os discursos construídos ao longo deste trabalho partem da minha perspectiva social enquanto lavradense, principalmente desenvolvendo o olhar sensível acerca da grandiosidade que este evento desempenha desde o final de janeiro ao início de fevereiro na nossa sociedade.

Assim, é válido frisar que esta temática será aprofundada mais adiante em uma pós-graduação, partindo da premissa de narrativas locais, isto é, das fontes orais dos munícipes, uma vez que não foi possível realizar tal ação devido à pandemia, como também por questões de foro íntimo.

Por ser um dos trabalhos pioneiros em relação à festividade de maior cunho religioso da “terra do minério”, ele se torna fundamental para a história local. É de suma importância que as pessoas possam se debruçar sobre essa perspectiva social e que resgatem fundos de memórias, possibilitando a compreensão e a importância do lugar que vivem, e como o evento festivo que engloba o sagrado e o profano se reflete nas suas identidades enquanto lavradenses.

Portanto, esperamos que esta pesquisa contribua para os futuros estudos acerca da história cultural, partindo da memória em torno das cidades, de suas festividades e todos os significados que elas desempenham no imagético local, sobretudo no que concerne à identidade social dos religiosos da cidade de Pedra Lavrada - PB.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Martha. Festa e cultura popular na formação do “povo brasileiro”. **Proj. História**, São Paulo, 1998. p.143-166. v.16. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11192/8203>. Acesso em: 29 de mar. de 2021.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Festas para que te quero: por uma historiografia do festejar. **Patrimônio e Memória** - UNESP – FCLAs – CEDAP, v.7, n.1, São Paulo, 2011. p. 134-150. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/147/147#>. Acesso em: 29 de mar. de 2021.
- AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. Festa à brasileira significado do festejar, no país que “não é sério”. In: **A festa como objeto e como conceito**. p.23-90. São Paulo, 1998. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-21102004-134208/publico/tesecapa1.pdf> . Acesso em: 29 de mar. de 2021.
- CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Campinas, SP: Papyrus- Coleção Travessia do Século, 1995.
- GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (org.). BARRENECHEA, de Miguel Angel. O que é memória social? In: **Nietzsche e a genealogia da memória social**. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2005. p.55-71.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Cap I. Memória coletiva e memória individual. Cap II. Memória coletiva e memória histórica. São Paulo, Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990. p. 25-85.
- JURKEVICS, Vera Irene. Festas religiosas: a materialidade da fé. **História: questões e debates**. v.43, n.2, Curitiba, Editora UFPR, 2005. p.74-86. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/7863/5547>. Acesso em: 29 de mar. de 2021.
- MAGALHÃES, Wallace Lucas. O imaginário social como um campo de disputas: um diálogo entre Bazcko e Bourdieu. **Revista de História**. vol. 8, n. 16. jul.-dez./2016, p. 92-110. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/AlbRHis/article/view/2164/3058> . Acesso em: 29 de mar. de 2021.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989. p. 3-15.
- POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992. p. 200-212.

RIETVELD, Padre João Jorge. **História da Paróquia de Nossa da Luz de Pedra Lavrada: a devoção de José Bezerra da Costa**. Campina Grande: Maxgraf, 2010.

RIOS, Sadraque Oliveira; COSTA, Jean Mario Araújo; MENDES, Vera Lucia Peixoto Santos. A fotografia como técnica e objeto de estudo na pesquisa qualitativa. **Discursos fotográficos**, Londrina, v.12, n.20, jan./jul. 2016. p.98-120. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5433/1984-7939.2016v12n20p98>. Acesso em: 29 de mar. de 2021.

SANTOS, Nádia Maria Weber. A Sensibilidade na vida e obra da historiadora Sandra Pesavento - A questão da interdisciplinaridade, postura crítica e a história cultural. **Fênix - Revista de História e Estudos Culturais**. vol.6, Ano VI , n.3, 2009. p.1-21. Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/190/176>. Acesso em: 29 de mar. de 2021.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais** Ano I - Número I - Julho 2009. p. 1-15. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351>. Acesso em: 29 de mar. de 2021.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, v.20, n.43, 2021. p.64-83. Disponível em: <https://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/view/2336/144>. Acesso em: 29 de mar. de 2021.